

Jorge Dias

A Literatura de Viagens, saturada de exotismo oriental, constitui um dos domínios mais característicos da Cultura Portuguesa. A *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, é uma das obras fundamentais da Literatura Portuguesa.

Fernão Mendes Pinto nasceu em 1509 (segundo outros, em 1511 ou 1514). Partiu para o Extremo Oriente em 1537. Passou por Moçambique, pela Somália e pela Índia. Visitou os rios, os mares, as cidades e as ilhas da África e da Ásia. Conheceu a Etiópia, a Indonésia, a Indochina, a China e o Japão. Entre 1542 e 1556 Pinto teria realizado quatro viagens ao Japão. Voltou a Portugal em 1558, ali tendo permanecido até 1583, ano da sua morte. Em 1983 foi comemorado em Portugal o IV Centenário da sua morte.

A *Peregrinação* foi publicada em 1614. A tradução castelhana de Herrer a Maldonado, datada de 1620, contribuiu para que a obra fosse rapidamente conhecida na Europa.

A *Peregrinação* tem sido objecto de estudos exaustivos. Os estudiosos têm-se interessado sobretudo por problemas relacionados com a biografia do autor e com questões histórico-culturais ligadas ao significado histórico, político e social da *Peregrinação*.

O valor documental-histórico da obra tem suscitado acesa polémica. O jesuíta Schurhammer, autor da biografia de S. Francisco Xavier, contestou tal valor baseado em quatro pontos: contradições nas datas, obscuridades, erros quanto às distâncias e ignorância das línguas transcritas. Mas outros estudiosos têm defendido vigorosamente o valor histórico da obra.

Sob o aspecto linguístico-estilístico a *Peregrinação* reflecte no texto todas as características morfológicas e sintácticas da língua utilizada no período. Contribuiu para o enriquecimento do vocabulário literário português com termos provenientes de línguas não-europeias.

A *Peregrinação* é um painel imenso de paisagens, de costumes, de calamidades e de batalhas. É uma narrativa de aventuras, com poderosas evocações dos terrores do mar e dos pavores de travessias de pântanos e rios intransponíveis. A *Peregrinação* é uma obra formidável, produto de um homem dotado de uma imaginação de uma exuberância candente. É um caudaloso compêndio dos actos de ferocidade da expansão europeia do século XVI e da barbaridade dos déspotas asiáticos. As cenas de naufrágio entre “çarrações de tempestades chuvosas” terminavam frequentemente com cenas atroztes de antropofagia. Algumas passagens, como a perseguição movida pelo corsário português António Faria ao pirata Coje Acm, ressumam o dinamismo de um grande romance de aventuras. A descrição dos festivais e das crueldades dos reis do Pegu, do Sião e da Birmânia está saturada de um túrgido esplendor¹. Mas Mendes Pinto admirava a China dos Ming, particularmente Pequim, “pérola sem preço em todo o mundo,” com a sua grandeza e sumptuosidade incomparáveis, os seus soberbos edifícios, o seu justo govêrno e a sua corte pacífica. É na

boca de asiáticos que Mendes Pinto coloca a crítica da intolerância e da violência dos europeus. A prodigiosa civilização chinesa é apresentada como uma utopia. Pinto não tinha o preconceito da superioridade da cultura ocidental. Mendes Pinto admirava também os meios aristocráticos japoneses que contactou: louvou o espírito militar, a cortesia, o culto da honra. Pinto sabia contrapor às visões de horror do Sudoeste asiático as imagens de esplendor da China e do Japão: “chegado em fim a esta insigne cidade Miocò, metropoli de toda aquella Monarchia da nação Japoa.”²

A *Peregrinação* é um livro colossal produto de uma mente prodigiosa. Através da vastíssima obra perpassa a figura do narrador, um pícaro semelhante a Lazarillo de Tormes ou Gusmán de Alfarache, cujas “carnes tremiam” perante o pavor da morte omnipresente, infundida pelos horrores a que assistia. Como o protagonista de *Heart of Darkness* de Joseph Conrad, Mendes Pinto deparava com visões de pesadelo, como os sacrifícios sangrentos da Índia, sob o voo de abutres ou de corvos, que o forçavam a meditar na “miséria da vida humana” ou em miragens de tesouros imensos depressa desaparecidos nos saques e nos naufrágios.

A evocação do universo subjungente da Ásia justifica o ardente interesse que suscitou a primeira edição de uma das obras supremas da literatura portuguesa: “historia de tão estranhos sucessos, que não só se gastou brevemente a primeyra impressão, mas foy traduzida em varias linguas.”³

Tal como *Os Lusíadas* de Luís de Camões, a *Peregrinação* de Mendes Pinto representa um momento culminante de criação cultural com influência universal. Portugal, um país que sempre viveu entre os vectores inconciliáveis da mercantilização e dos valores nobiliárquico-eclesiásticos, da inovação e da grande criação cultural universalizante, em contraste com o relógio sempre em atraso, revela-se num paradoxo: as grandes obras da cultura portuguesa foram sobretudo difundidas no estrangeiro. Há duas edições da *Peregrinação* no século XVII em língua portuguesa, mas há dezenas delas nas outras línguas da Europa, tendo em conta apenas o castelhano, o francês e o inglês.⁴

Fernão Mendes Pinto é um escritor que, devido à extraordinária riqueza da sua obra, poderá ser estudado dentro das novas perspectivas dos Estudos Portugueses. No estudo interdisciplinar (História, Literatura, Filosofia, Linguística) os temas portugueses podem ser abordados sob vários prismas e por professores de diferentes formações que possam tratar o mesmo objecto por diferentes ângulos (sociológico, antropológico, económico, histórico, literário e linguístico) estabelecendo as ligações, os pontos de contacto ou de referência que permitam uma interpretação global da cultura lusíada.

Romance picaresco segundo uns, sátira social segundo outros, simples romance de aventuras segundo Schurhammer e outros jesuítas, obra com preciosas referências históricas segundo outra tendência, a *Peregrinação* tem conquistado além-fronteiras maior notoriedade do que *Os Lusíadas*, pelo menos até ao século XVIII.

Wenceslau de Moraes identificava-se com o viajante quinhentista quer quanto à crítica da

expansão quer quanto à consciência dolorosa da Pátria em declínio. Moraes, cônsul em Kobe e depois o Solitário de Tokushima afirmou: “As páginas de *Peregrinação* são, com efeito, um eco extremamente impressionante do espírito que animava então os vários milhares de portugueses, que se espalhavam por todo o Oriente e Extremo Oriente, mares e terras; espírito de lucro, de rapina, de fanatismo, de intolerância religiosa e de todos os desregramentos concomitantes, acompanhados geralmente de uma coragem inaudita.”⁵ Para Moraes a *Peregrinação* era apenas um *livro de notas* de viagem, escapando-lhe toda a complexa estrutura romanesca e mítica, de um relevo barroco, da imensa obra.

Um comentador francês, Georges Le Gentil, apresentou um epílogo mais equilibrado e mais lúcido sobre o lugar de Fernão Mendes Pinto na literatura mundial: “Mendes Pinto est un auteur inégal, incomplet, chez qui l’on trouve plus de vellétés que d’intentions, plus d’intentions que de réalisations. Mais il annonce le Siam du P. Tachard, la Chine philosophique de Voltaire et la Chine patriarcale et despotique de Quesnay; le corsaire de Byron, de Walter Scott, de Fenimore Cooper et d’Eugene Sue; la Malaisie de Conrad; le Pékin bruyant et grimaçant de Judith Gautier; enfin la conversion de Lafcadio Hearn et de Wenceslau de Moraes à la grande morale de la pitié.”⁶

CÂNTICO FINAL : UM EPITAFIO GRANDILOQUENTE

“Filho da fortuna e de si mesmo; armado da triplice couraça da audácia, da intelligência e da perseverança; typo dos hardidos Portuguezes de outras éras no valor, na decisão, na magnanimidade; descobridor de novas terras e de novos mares; victima de selvagens e de outros mais selvagens ainda encravados no meio da nossa civilização; exemplo perenne da ingratição dos grandes; autor assombroso para a sua idade; um dos principais reformadores da lingua que herdámos; escriptor singelo, correcto, variadissimo, conciso, pittoresco, modesto, claro, natural, abundante, florido, sympathico, esplendente . . . Fernão Mendes Pinto tem direito de occupar um dos mais elevados lugares entre os nossos escriptores.

Essa graduação lhe será dada sem duvida, no dia em que se escrever a Historia Litteraria de Portugal; nem, se ella existisse, houveramos essas linhas ousado aventurar. Lisboa, 11 de Dezembro de 1845. José Feliciano de Castilho.”⁷

Muitas Histórias da Literatura Portuguesa foram escritas desde então. E em todas Fernão Mendes Pinto ocupa um lugar de grande relevo. É uma das grandes figuras da Cultura Portuguesa do Século XVI, ao lado de Gil Vicente e de Camões, cuja obra está parcialmente escrita em castelhano. Uma formidável triade de verdadeiros filhos de Madre Ibéria.

CONCLUSÃO

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto é uma mais representativas obras produzidas pela expansão portuguesa do século XVI. Os portugueses daquele século traçaram os contornos dos continentes e dos oceanos, esboçando pela primeira vez uma geografia universal da Terra. Trouxeram ao conhecimento do mundo ocidental grande número de civilizações desconhecidas, como as da China e do Japão. De Marrocos à China e à Etiópia os portugueses entraram em contacto com povos de todas as etnias, estádios culturais e crenças. Portugal tornara-se a proa da Europa, que sulcava “mares nunca dantes navegados”, no dizer de Camões nos *Lusíadas*, no rumo das especiarias e do ouro, do açúcar, do marfim e dos tecidos preciosos. A arte e a literatura portuguesas impregnaram-se de influências exóticas. A *Peregrinação* é um efeito dessas influências.

Finalmente, devo expressar o meu agradecimento ao Professor Chikamatsu, que me convidou para este Congresso. O português, língua de importância mundial, é uma língua pouco conhecida. É uma língua hoje falada em vários continentes. Além de ser falada em Portugal e no Brasil, é a língua oficial de cinco países africanos: Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique. Na *Nova Gramática da Língua Portuguesa* de Celso Cunha e Lindley Cintra, são consideradas como válidas três normas: a europeia, a sul-americana e a africana. Para concluir, consigno aqui as palavras do Professor Doutor Fernando Cristóvão, actual Presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa a que pertença: “A língua portuguesa terá, no alvorecer do ano 2000, duzentos e dez milhões de pessoas a falá-la, e o seu dinamismo é, simultaneamente, causa e efeito do espírito universalista que animou a cultura lusíada ao longo de séculos no seu diálogo com os mais diversos povos e culturas. Por isso, hoje como ontem, tem algo de importante a dizer e a propor, no convívio universal. Quer através do que se contém escrito nas nossas bibliotecas e arquivos, no texto dos nossos pensadores e escritores actuais, quer no uso vivo da fala que veicula uma visão original do mundo e um incentivo ao diálogo e à tolerância. Enquanto instrumento de comunicação e enquanto língua de cultura, para sete nações em continentes diversos que já tomaram consciência de que se devem aproximar cada vez mais.”⁸

Estas palavras encerrarão, com chave de ouro, a minha modestíssima palestra sobre Fernão Mendes Pinto e a sua *Peregrinação*.

NOTAS

1. “Um historiador recente admite a veracidade parcial do relato de Mendes Pinto sobre o Sudoeste da Ásia: “it is impossible to dismiss Pinto completely. His letter from Malacca is an important primary source for those trying to reconstruct a period of Siamese history which is notably deficient in all kinds of extant written records.” Pinto contribuiria ainda “helpful data” para a história das guerras entre o Pegu e o Sião. Donald F. Lach, *Asia in the making*

- of Europe* (Chicago and London, The University of Chicago Press, 1965), I, p. 538.
2. Fernão Mendes Pinto, *Peregrinaçam* (Lisboa, Antonio Craesbeck de Mello, 1678), p. 368.
 3. Craesbeck, *ibid.*, p.1.
 4. Vitorino Magalhães Godinho, 'Reflexão sobre Portugal e os portugueses na sua história, "*Revista de História Económica e Social*, n. 10 (Julho-Dezembro de 1982), pp. 12-13. Magalhães Godinho é um dos maiores escritores portugueses, autor da obra fundamental *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*.
 5. Wenceslau de Moraes, *Relance da História do Japão* (Porto, Maranus, 1924), p. 261. Moraes escreveu também um ensaio sobre Pinto. Num prefácio inédito existente no seu Espólio da Biblioteca Nacional de Lisboa voltou a referir -se ao seu antecessor.
 6. Georges Le Gentil, *Fernão Mendes Pinto, un Précurseur de l'Exotisme au XVI Siècle* (Paris, 1947), p. 320.
 7. José Feliciano de Castilho, *Fernão Mendes Pinto - Excerptos* (Rio de Janeiro, 1865), II, p.288. Na citação conservou-se a ortografia do século XIX. Título do ensaio: "Notícia da vida e obra de Fernão Mendes Pinto."
 8. Fernando Cristovão, "Há que cumprir a pátria da língua, "*Boletim Interno* do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (Lisboa, Outubro de 1984), p.1.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto (Lisboa, Crasbeck, 1614). 1. Edição.

Peregrinação. Agora novamente correcta e emendada. Acrescentada com o *Itinerário* de António Tenreiro e A Conquista do Reyno do Pegu feita pelos portugueses no anno de 1601. (Lisboa, Joam de Aquino Bulhoens - Luiz de Moraes, 1762).

Peregrinação (edição de Adolfo Casais Monteiro). (Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural Luso-Brasileira, 1952-1953).

Peregrinação (Lisboa, Edições Afrodite, 1975).

Peregrinação. Texto conforme ao de 1614. Editada por Casais Monteiro. (Lisboa, 1983). Esta edição foi preparada sob os auspícios da XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura. Estava exposta no núcleo do Convento da Madre de Deus, para venda.

TRADUÇÕES

História Oriental de las peregrinaciones de Fernan Mendez Pinto. (Madrid, 1620).

Tradução de F. de Herrera Maldonado. O tradutor compromete-se a “comunicarle a todos en la lengua castellana, para que ella como Reyna de todos los idiomas por lo dulce, por lo copioso, sonoro, y graue pudiese seruir a las demás naciones de su dilatado Imperio . . .” Teresa Cirillo, “Francisco de Herrera Maldonado apologeta di Fernão Mendes Pinto,” *Quaderni Portoghesi*, (1978, Autunno), p. 197.

Les voyages aventureux de Fernand Mendez Pinto (Paris, 1628). 1.^a tradução francesa.

De Wolderlyke Reizen van Fernando Mendez Pinto (Amsterdam, 1652). 1.^a tradução holandesa.

The voyages and Adventures of Ferdinand Mendez Pinto (Londres, 1663). 1.^a tradução inglesa. “Done into English by H. C. Gent.” Está na Biblioteca da Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto.

Die Wunderliche Reise Ferdinandi Mendez Pinto (Amsterdam, 1671). 1.^a tradução alemã.

La Pérégrination: La Chine et le Japon au XVI. e Siècle. (Paris, Calmann-Lévy, 1968).

Peregrinazione - 1537-1558. (Milano, Longanesi, 1970). Trad.: Eriilde M. Reali.

Stranstvia (Moscou, Izdatelstvo ‘Hudojestvennaia Literatura,’ 1972), Tradução de I. Likhachev.

Toyohen Rekiki. (Tóquio, Heibonsha, 1979). Tradução de Takiko Okamura. Coleção Toyobunko-366. Tradução directa do original. 3 volumes. Na tradução colaboraram o Conselheiro Cultural Paulo Rocha, o Professor José Álvares, Leitor de Português em Tóquio e alguns especialistas da Universidade de Sofia.

Brevemente sairá em Cracóvia, Polónia, uma tradução polaca de *Peregrinação*.

Na República Democrática Alemã a tradução de *Peregrinação* (*Wunderliche und merkwürdige Reisen des Fernão Mendes Pinto*) publicada em 1977, já está em segunda edição. Os feitos do viajante português são transcritos para o alemão moderno. As gravuras da primeira edição alemã, os mapas cartográficos da época e o bem documentado posfácio de Horst Lothar Teweleit fazem desta edição uma verdadeira preciosidade bibliográfica.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

Cristóvão Aires, *Fernão Mendes Pinto, Subsídios para a sua Biografia e para o estudo da sua Obra.* (Lisboa, 1904);

Ibid., *Fernão Mendes Pinto e o Japão. Discussão. Informações Novas.* Memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa. (Lisboa, 1906);

J. M. de Castro, “Relendo a *Peregrinação*,” *Brotéria*, vol 107 (1978), pp. 162-186.

Rebecca Catz, *A Sátira Social de Fernão Mendes Pinto - Análise Crítica da Peregrinação.* (Lisboa, 1978);

- Hernâni Cidade, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina* (Coimbra, 1936);
- Ibid. “Peregrinação”, *Dicionário de Literatura* (Dir. de J. P. Coelho), (Porto), II.
- Jaime Cortesão, “Fernão Mendes Pinto e o humanismo crítico”, in *O Humanismo Universalista dos Portugueses* (Lisboa, 1965);
- Gilberto Freyre, “Em torno da “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto”, *Vida, Forma e Côr* (Rio de Janeiro, 1962);
- Albert Kammerer, “Le problématique Voyage en Abyssinie de Fernand Mendez Pinto, 1537”, in *La Mer Rouge, l’Abyssinie et L’Arabie aux XVème et XVIème siècles* (Cairo, 1947);
- Visconde da Lagoa, “A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto. Tentativa de reconstituição geográfica”, *Anais da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais*, II/1, 1947;
- Rodrigues Lapa, Prefácio, in Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, “Textos Literários,” Seara Nova (Lisboa, 1954);
- Georges Le Gentil, *Les Portugais en Extrême Orient. Fernão Mendes Pinto. “Un Précurseur de l’Exotisme au XVIème siècle”* (Paris, 1947);
- Oscar Lopes, “Camões e Mendes Pinto”, in *Ler e Depois* (Porto, 1969);
- Eduardo Lourenço “A Peregrinação e a crítica cultural indirecta”, in Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, Ed. Afrodite (org. M. A. Meneres), (Lisboa, 1971)? II;
- Alfredo Margarido, “La multiplicité des sens dans l’écriture de Fernão Mendes Pinto et quelques problèmes de la littérature de voyages au XVIème siècle”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, XI, Fundação Calouste Gulbenkian, (Paris 1977);
- Domingos Maurício, “A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e algumas opiniões peregrinas”, *Brotéria*, vol. 74, 1962;
- Machado de Assis, “O Segredo do Bonzo, “*Papéis Avulsos* in *Obra Copmleta*, II, (Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979), pp. 323-328. O conto, subtintulado “Capítulo Inédito de Fernão Mendes Pinto,” imita o estilo de *Peregrinação*.
- Rebecca Catz, (ed) *Cartas de Fernão Mendes Pinto* (Lisboa, Presença 1987). Recolha de documentos.
- Aquilino Ribeiro, “Fernão Mendes Pinto e a sua máscara de Pirata”, in *Portugueses das Sete Partidas* (Viajantes, Aventureiros, Troca-Tintas), (Lisboa, 1969);
- António José Saraiva, “Fernão Mendes Pinto e o Romance Picaresco”, in *Para a História da Cultura em Portugal* (Lisboa, 1961);
- António José Saraiva. “Fernão Mendes Pinto ou a sátira picaresca da ideologia senhorial”, separata de *História da Cultura em Portugal* (Lisboa, 1960);
- George Schurhammer, *Fernão Mendes Pinto und seine Peregrinacãm;* (Leipzig, 1926);
- Pilar Vasquez Cuesta e M. A. Luz, *Gramática Portuguesa*, Biblioteca Románica Hispánica, Editorial Gredos, (Madrid, 1971).
- (Na Biblioteca Geral de Universidade de Coimbra, segundo o antigo Leitor, Dr. António Zagalo,

encontram-se ainda, entre outras, as seguintes obras:

José Gomez Tabanera, *Fernan Mendes Pinto y el conocimiento etnográfico del lejano oriente en el siglo XVI* (Porto, 1972). Separata da *Revista de Etnografía* n. 31, Museu de Etnografia e História.

Rebecca Catz, *Iconoclasm as literary technique: a study of the satiric devices used in the Peregrinação de Fernão Mendes Pinto* (Los Angeles, University of California, 1972). Reprodução facsimilada com xerocópia.

Ibid., *Fernão Mendes Pinto: sátira e anti-cruzada na Peregrinação*. (Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1981).

F. M. Pinto, *Peregrinação* : aventuras extraordinárias de um português no Oriente. Adaptação de Aquilino Ribeiro, ilustrações de Martins Barata. (Lisboa, 1976).

George Schurhammer escreveu: “Diese zweite Auflage war bereichert durch Auszüge aus dem Manuskript der *Peregrinacem* des Fernão Mendes Pinto, eines Abenteuerromans, den viele bis ins 20. Jahrhundert für eine historisch zuverlässige Autobiographie hielten. (vg. hierzu unsere Arbeit “Fernão Mendes Pinto und seine *Peregrinacem*” in *Asia Major* 3 (1926-72-103, 196-267.) *Franz Xavier - Sein Leben und Seine Zeit - Europa - 1506-1541* (Freiburg in Breisgau, 1955), Vorwort, V. Referiu-se de novo àquele opúsculo: “In this we showed that the famous book is not a history but an autobiographical adventure story in which his own experiences and those of others and freely invented incidents are woven together in a tangled skein. Entire trips into the interior of Abyssinia, Farther India, China, Tibet, and Samatra are pure fiction. Even the actual experiences of the author are romantically portrayed and, as the occasion demands, transposed in time.” George Schurhammer, *Francis Xavier - Life and Times* (Roma, 1977). Trad. por Joseph Costelloe. P. 645. Schurhammer acentuou a importância de outras contribuições para a sua biografia: “Dasselbe Manuskript benützte auch das im übrigen wertvolle umfangreiche Leben des Lucena (Lissabon, 1600).” Referia-se à *História da vida do Padre S. Francisco Xavier* de João de Lucena.

Fernão Mandes Pinto foi mencionado numa já antiga enciclopédia russa. Algumas linhas são consagradas ao “portugalskii putechestvennik” (viajante português). Informa que Pinto visitou a Etiópia, a China, a Arábia, a Índia, a Tartária e o Japão. A sua obra, modelo da prosa portuguesa, “foi traduzida para quase todas as línguas europeias”. As suas aventuras são narradas de forma “verdadeira, interessante e sincera.” “Pinto, (Fernand Mendes Pinto,) *Entsiklopeditscheskii Slovar*, XXIII (S. Petersburg, Brokhaus-Efron, 1898), p. 628. As enciclopédias soviéticas subsequentes não mencionam Pinto. Progresso. O artigo “Portugalskaia Literatura” da *Kratkaia Literaturnaia Entsiklopedia* olvida Mendes Pinto, embora recorde outros menores do que ele. (Moscovo, Izdatelstvo Sovietskaia Entsiklopedia, 1968), V. pp. 895-902.

PEREGRINACAM DE FERNAM MENDEZ PINTO.

EM QUE DA CONTA DE MUYTAS E MUY-
to estranhas couças que yio & ouuiu no reyno da China, no da Tar-
taria, no do Sornau, que vulgarmente se chama Siao, no do Calami-
nhan, no de Pegu, no de Martauão, & em outros muytos reynos
& senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas
do Occidente ha muyto pouca ou
nenhũa noticia.

DA CONTA DE MUYTOS CASOS PARTE
culares q. se refererão assy a elle como a outras muytas pessoas. E no fim della trata bre-
uemente de algumas cousas, & da morte do santo Padre mestre Francisco Xavier,
única luz & resplendor daquellas partes do Oriente, & Reyter
nellas vniuersal da Companhia de Iesus.

Escrita pelo mesmo Fernão Mendez Pinto.

Dirigida à Catholica Real Magestade del Rey dom Filippe o III.
deste nome nosso Senhor.



Com licença do Santo Officio, Ordinario, & Maço.

EM LISBOA. Por Pedro Crasbeeck Anno 1614

A custa de Belchior de Faria Cavaleyro da casa del Rey nosso
Senhor, & seu Liureyro. Com privilegio Real.

Esta sapezado este livro a 600 rris em papel.

Frontispice de la première édition,